
 Bianca Bulcão Vidigal de Lucena<sup>1</sup>

 Cristiane Marques Seixas<sup>2</sup>

 Francisco Romão Ferreira<sup>2</sup>

 Shirley Donizete Prado<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Nutrição Social, Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

#### Correspondência

Cristiane Marques Seixas  
cris.marques.seixas@gmail.com

O presente manuscrito é derivado da dissertação de mestrado de Bianca Bulcão Vidigal de Lucena, intitulada “Essa que sou eu: a diversidade de olhares sobre a imagem corporal, o corpo e sua imagem” apresentada em 2018 no Programa de Pós-graduação em Nutrição, Alimentação e Saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## Imagem corporal pelo olhar da Psicanálise: contribuições para o campo da Alimentação e Nutrição

### *Body image from Psychoanalysis view: contributions to the field of food and nutrition*

#### Resumo

**Introdução:** O presente trabalho reúne contribuições da teoria psicanalítica, a fim de discutir o uso da categoria “imagem corporal” em trabalhos do campo da Alimentação e Nutrição. **Objetivo:** mapear o emprego do conceito de “imagem corporal” em artigos científicos da área da Nutrição e comparar seu uso nas diferentes abordagens nas Ciências Humanas e Sociais. **Métodos:** Realizou-se revisão bibliográfica na *Revista de Nutrição* em todas as edições do periódico até setembro de 2019 utilizando o termo “imagem corporal” como indexador na plataforma da revista. **Resultados:** Foram analisados oito artigos que continham a expressão “imagem corporal” no título ou nas palavras-chave e observou-se que o conceito destacado é tratado de forma reducionista, relacionado principalmente à aplicação de testes e escalas de avaliação, levando a compreensões simplificadoras da relação sujeito-corpo. **Discussão:** Para esclarecer o conceito, recorre-se às principais referências na psicanálise sobre a temática da imagem corporal e ao debate psicanalítico referente às noções de corpo e sujeito. Utiliza-se o conceito freudiano de narcisismo para demonstrar a complexidade da construção da imagem de si na perspectiva psicanalítica, apontando como essa categoria é, muitas vezes, empregada a partir de seu uso pelo senso comum, demandando melhor conceituação do mesmo no campo da Alimentação e Nutrição. **Conclusão:** O trabalho demonstra como o recurso à teoria psicanalítica pode contribuir para um melhor entendimento das complexas relações que envolvem sujeito, corpo e alimentação, para que esse diálogo se reflita em estudos que produzam não somente evidências quantitativas, mas também possibilitem a construção de novas abordagens para os transtornos alimentares e a obesidade.

**Palavras-chave:** Imagem Corporal. Corpo Humano. Transtorno Alimentar. Psicanálise.

#### Abstract

**Introduction:** The present work brings together contributions from the psychoanalytic theory to discuss the use of the “body image” category in works in the field of Food and Nutrition. **Objective:** to map the use of the concept of “body image” in scientific papers in the field of Nutrition and to compare its use in different approaches in Human and Social Sciences. **Methods:** A bibliographic review was carried out in all editions of *Revista de Nutrição* until September 2019, using the term “body image” as an indexer on the magazine's database. **Results:** Eight papers containing the expression “body image” in the title or keywords were analyzed and it was possible to observe that the concept receives a reductionist approach, mainly related to the application of tests and evaluation scales, leading to simplifying understanding of the subject-body relationship. **Discussion:** To clarify the concept, the main references in psychoanalysis

on the topic of body image and the psychoanalytic debate related to the concepts of body and subject are used. The Freudian concept of narcissism is used to demonstrate the complexity of the construction of the image of oneself in the psychoanalytic perspective, pointing out how this category is often employed based on its use by common sense, which requires a better conceptualization of it in the field of Food and Nutrition. **Conclusion:** This work demonstrates how the use of psychoanalytic theory can contribute to a better understanding of the complex relationships that involve subject, body and food, so that this dialogue is reflected in studies that produce not only quantitative evidence, but also enable the construction of new approaches to eating disorders and obesity.

**Keywords:** Body Image. Human Body. Eating disorder. Psychoanalysis.

## INTRODUÇÃO

Nossa experiência de vida se dá integralmente por meio do nosso corpo. Entretanto, no que se refere ao entendimento de que corpo é esse, vivemos tempos de disputa entre visões reconhecidas cientificamente e outras que, ainda que irrefutáveis, carecem de legitimação acadêmica. Fato é que o entendimento acerca do corpo humano gera inúmeros discursos, nem sempre convergentes, que tornam o corpo um campo de muitas controvérsias e disputas epistêmicas. Afinal, saber é poder, e ao determinar o campo de saber utilizado para entender o corpo, determina-se também um discurso de poder que legitima uma das posições do campo científico. O discurso sobre o corpo nunca é neutro. No presente texto, faremos uma aproximação entre os discursos do campo da Nutrição e da Psicanálise, por meio da problematização do conceito “imagem corporal”.

Dentro de uma tradição científica positivista, o discurso hegemônico das ciências biomédicas sobre o corpo tem mostrado sua incapacidade de dar conta de tantas expressões corporais presentes na atualidade, suscitando no campo da Nutrição o desenvolvimento de novas formas de entender o corpo. Distintas da Nutrição “tradicional”, cujos fundamentos são os paradigmas clássicos da biomedicina, essas novas perspectivas visam a uma aproximação da Nutrição com o campo das Ciências Humanas e Sociais, que abordam de maneira mais complexa a alimentação, tomando-a, também, como fenômeno social e subjetivo.<sup>1</sup>

No modelo científico tradicional, a produção de conhecimento é baseada nos princípios da razão, da lógica e do pensamento matemático, visando a uma interferência ativa e objetiva na natureza.<sup>2</sup> O corpo passa a ser visto como máquina, um organismo biológico inscrito numa racionalidade mecânica. Por outro lado, as percepções do corpo produzidas a partir do surgimento das Ciências Humanas e Sociais vão incorporar a subjetividade, os afetos, a discussão acerca da moralidade, da sensibilidade e da cultura, agindo no corpo como uma segunda natureza. Este olhar mais sensível sobre o corpo passa a se distanciar cada vez mais do ideal de clareza, objetividade e verdade, que são os pilares do pensamento científico moderno. A questão que se coloca então é: como sustentar um discurso sobre o corpo que seja científico, mas que não opere apenas no modelo mecanicista e positivista?

Edgar Morin<sup>3</sup> afirma que a supremacia do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas nos impede de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade e seu conjunto. A abordagem de um problema complexo exige que se considerem o conjunto, os diferentes atores e pontos de vista.<sup>4</sup> Neste sentido, para pensarmos o corpo e produzirmos conhecimento sobre ele, deveríamos utilizar métodos e saberes que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo. Precisamos então fazer o esforço de construir pontes entre os saberes, de modo a produzir um diálogo que leve em conta o corpo, seus afetos, sua construção, sua história e sua sensibilidade própria.

Certos conceitos não se aplicam exclusivamente a um ou outro campo do saber sobre o corpo. Situam-se na fronteira de diferentes abordagens e, assim como uma “dobradiça”, conectam os diversos campos, permitindo uma articulação sem que esses se tornem, necessariamente, uníssonos. Elegemos “imagem corporal” como um desses conceitos que transitam pelo senso comum e por diversos campos da ciência, articulando saberes e discursos.<sup>5</sup> A imagem corporal inclui experiências subjetivas e intersubjetivas, e o corpo, nessa perspectiva, é um dispositivo motor, dedicado à percepção e à interação com os objetos do mundo. O presente trabalho busca mapear o emprego do conceito de “imagem corporal” em artigos científicos representativos da área da Nutrição e comparar seu uso nas diferentes abordagens nas Ciências Humanas.

## MÉTODO

Para o presente estudo, utilizamos como fonte de pesquisa bibliográfica a *Revista de Nutrição*, editada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Com periodicidade bimestral e contribuições da comunidade científica nacional e internacional, a *Revista de Nutrição* tem fator de impacto considerável e publica artigos que contribuem para o estudo do campo em suas diversas subáreas e interfaces. Restringimos a escolha a esse periódico por se tratar de um dos principais da área de Nutrição no Brasil e por identificarmos que o mesmo espelha uma realidade recorrente nas publicações nacionais e internacionais da área, no Brasil e no mundo. A pesquisa foi feita inicialmente em outubro de 2017 em todas as edições da revista, utilizando o termo “imagem corporal” como indexador no campo de busca da plataforma da revista. Foram encontrados oito artigos, dos quais sete foram selecionados inicialmente para nortear o debate, uma vez que um deles tratava especificamente de pacientes com HIV/Aids. A pesquisa foi refeita em setembro de 2019 e apresentou como resultado um artigo a mais, que foi acrescentado ao *corpus* do estudo, totalizando oito artigos para análise.

## RESULTADOS

No artigo “Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes”, Conti et al.<sup>6</sup> verificaram a associação entre excesso de peso e insatisfação corporal de adolescentes, mas enunciam que esse fato não é determinante e que a insatisfação corporal constitui característica particular de adolescentes que desenvolvem transtorno alimentar. Quanto ao emprego do conceito aqui trabalhado, diferentemente de alguns resultados apresentados adiante, os autores fazem distinção entre imagem corporal, insatisfação corporal e percepção corporal. Recomendam que instituições de ensino médio e fundamental desenvolvam “atividades profiláticas voltadas para a conscientização da percepção pessoal e social do adolescente, assim como das pressões a que ele está compelido”<sup>6</sup> (p. 491). Tal recomendação nos coloca a questão de compreender o que os autores entendem por “atividades profiláticas”, assunto que retomaremos adiante.

Triches & Giugliani,<sup>7</sup> no trabalho “Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da Região Sul do Brasil”, abordam o termo pesquisado tomando como referência a definição de Smolak, segundo a qual a imagem corporal é composta pela estima corporal e pela insatisfação com o corpo. Foi utilizada uma Escala de Imagem Corporal e a variável “insatisfação com o corpo” foi categorizada em dois estratos: satisfeitos e insatisfeitos. Para os autores, um ponto importante a considerar é a “influência da mãe na imagem corporal de seus filhos” e concluem que os dados gerados pelo estudo são “suficientes para alertar pais, educadores e profissionais de saúde para a necessidade de desenvolver estratégias que visem a maior satisfação das crianças com o seu corpo”<sup>7</sup> (p. 126).

O artigo “Tradução, adaptação e avaliação da consistência interna do *Eating Behaviours and Body Image Test* para uso com crianças do sexo feminino”<sup>8</sup> tem por objetivo traduzir, adaptar e validar um teste que relaciona comportamento alimentar e imagem corporal para uso com crianças. Os autores utilizam, na maioria das aplicações do termo, a associação direta com a insatisfação reduzindo a imagem corporal a um objeto passível de avaliação através do teste, não se referindo às limitações do mesmo, uma vez que visa exclusivamente à padronização de um teste numa linguagem adaptada à realidade proposta.

Na abordagem de Fortes et al.,<sup>9</sup> o conceito de imagem corporal é entendido como a imagem mental formulada do próprio corpo, enquanto a insatisfação corporal refere-se ao descontentamento relativo ao peso e à aparência física, constituindo parte da dimensão atitudinal da imagem corporal. O artigo coloca ênfase da influência do processo maturacional na imagem corporal.

O artigo “Risco para transtornos alimentares em escolares de Salvador, Bahia, e a dimensão raça/cor”<sup>10</sup> utilizou a dimensão étnico-racial para analisar fatores de risco associados aos transtornos alimentares em escolares. Os autores consideram que a preocupação com a imagem corporal, a insatisfação com tamanho, forma e contornos do corpo predis põem à insatisfação com a imagem corporal, relacionando-se, conseqüentemente, aos transtornos alimentares.

Vale notar que, nos trechos que destacamos desse artigo, a referência para abordar imagem corporal é a satisfação ou insatisfação e preocupação com a imagem corporal. Mesmo utilizando questionários que avaliam a existência de padrões alimentares anormais, a intensidade de preocupações características de pessoas com transtornos alimentares e a insatisfação com o tamanho, a forma e os contornos do corpo, o artigo refere-se permanentemente a insatisfação ou preocupação com a imagem corporal, utilizando “insatisfação corporal” e “insatisfação com a imagem corporal” indiscriminadamente, usando em sua discussão a comparação de estudos que teoricamente utilizam variáveis diferentes. Apesar de afirmarem que a insatisfação com o tamanho, a forma e os contornos do corpo predis põe à insatisfação com a imagem corporal, fica a pergunta: no meio de tantas insatisfações, o que de fato está sendo avaliado e medido?

Fortes et al.,<sup>11</sup> no texto intitulado “Comportamento de risco para transtorno alimentar, insatisfação corporal, perfeccionismo e estado de humor em adolescentes do sexo feminino”, buscam analisar se a insatisfação com a imagem corporal, por si só, determina a presença de comportamentos patológicos em relação à alimentação. Concluem que a insatisfação corporal foi o determinante principal do comportamento de risco para transtorno alimentar, mas destacam que mesmo que a insatisfação corporal esteja presente na maioria absoluta dos resultados da pesquisa, o perfeccionismo e os estados de humor também estão fortemente associados aos distúrbios alimentares, mesmo que em menor proporção. O curioso é notar que neste artigo, apesar de uma das palavras-chave utilizadas ser “imagem corporal”, o assunto abordado é a insatisfação corporal, ou seja, a insatisfação ou desagrado com as características do corpo. A associação entre esses dois termos é evasiva e sem aprofundamento, aparecendo uma única vez ao longo do texto.

Os mesmos autores, no artigo “Autoestima, insatisfação corporal e internalização do ideal de magreza influenciam os comportamentos de risco para transtornos alimentares?”,<sup>12</sup> concluem que a insatisfação corporal e a internalização do ideal de magreza influenciam os comportamentos de risco para transtornos alimentares em adolescentes do sexo feminino, sem identificar a mesma influência para a autoestima. Este artigo apresenta o mesmo equívoco teórico do anterior, apesar de haver aqui maior contextualização da imagem corporal em relação à adolescência. Neste texto, os autores afirmam que “[e]sse construto pode ser entendido como a representação mental que o indivíduo tem do seu próprio corpo, e um de seus componentes atitudinais é a insatisfação corporal”, fazendo referência ao modelo tripartido de Rodgers, Cabrol & Paxton.<sup>13</sup>

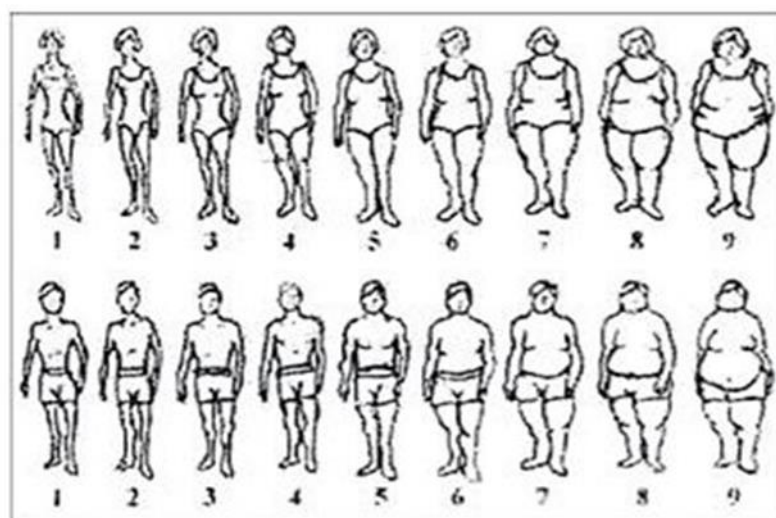
Por fim, no recentemente publicado “*Body image distortion and dissatisfaction in incarcerated women*”,<sup>14</sup> as autoras buscaram estimar a prevalência da distorção e da insatisfação com a imagem corporal numa população de mulheres encarceradas em regime fechado. Apoiadas na concepção de imagem corporal definida por Cash,<sup>15</sup> não definem claramente o que seria a insatisfação e a distorção da imagem corporal, mas concluem que, em virtude da condição de privação de liberdade, quase todas as reclusas estavam insatisfeitas com a imagem corporal e um terço queria aumentar o tamanho do corpo, incluindo aquelas com excesso de peso. Apesar da relevância dos dados encontrados, as autoras analisam principalmente os dados relativos ao ganho de peso após o encarceramento, atribuindo o mesmo à dieta e ao sedentarismo ou a outros fatores, como ausência de programas laborais, depressão, uso de antipsicóticos e abstinência de drogas. Também tentam explicar de modo objetivo os motivos para a imprecisão na avaliação do tamanho do corpo.

## DISCUSSÃO

A ideia de poder avaliar a “imagem corporal” por meio de testes ou escalas é controversa. Esses instrumentos possibilitam averiguar alguns elementos da representação corporal do sujeito avaliado associando-os a determinados comportamentos e sentimentos, mas certamente não permitem especificar a complexidade inerente ao conceito de imagem corporal. A avaliação de uma ou mais partes não deve ser tomada como avaliação do todo, de modo a desconsiderar outros elementos igualmente determinantes.

Na Nutrição, para se ter notícia desta pretensa percepção da imagem corporal, a avaliação por meio de escalas de silhuetas, também denominadas em inglês “*countour line drawing*” ou “*figural drawing scales*”, tem sido amplamente utilizada.<sup>16</sup> Dentre as escalas disponíveis para medição, Stunkard et al.<sup>17</sup> propuseram uma escala de silhuetas, que representa um *continuum* desde a magreza até a obesidade severa (figura 1).

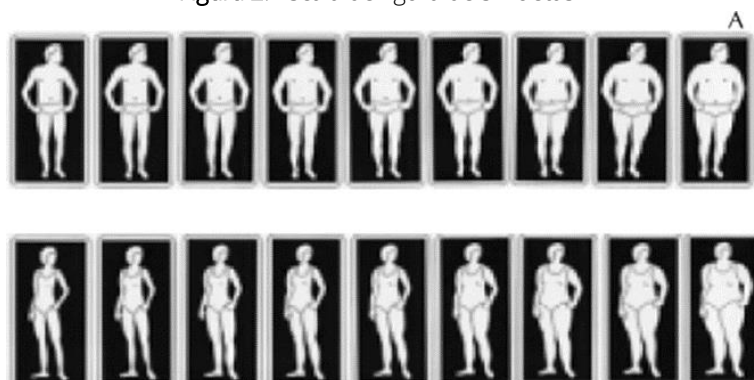
Figura 1. Conjunto de silhuetas para avaliação da Imagem Corporal



Fonte: (Stunkard et al. 1983, p. 115)

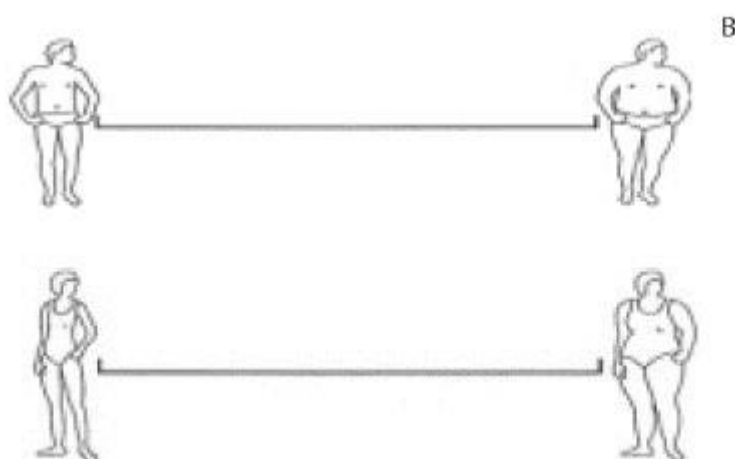
Existem outras escalas e adaptações para diferentes etnias e idades. Essas adaptações têm como intuito tornar as figuras mais plausíveis e minimizar as influências na aplicação. Kakeshita & Almeida,<sup>16</sup> por exemplo, propõem duas escalas distintas, uma de figura de silhuetas criadas a partir de fotografias feitas por profissional especializado e computação gráfica (figura 2) e outra escala visual analógica com duas figuras de silhuetas nos dois extremos ligadas por uma linha contínua de 12 cm, na qual o sujeito é convidado a fazer uma marca vertical no ponto da escala que mais se aproximaria da representação de seu tamanho corporal (figura 3).

Figura 2. Escala de figura de silhuetas



Fonte: (Kakeshita e Almeida, 2006)

Figura 3. Escala visual analógica



Fonte: (Kakeshita e Almeida, 2006)

De modo geral, para ser testado, o indivíduo deve escolher na escala a imagem que considera ser condizente com sua silhueta real e a imagem que julga ser a que representa sua aparência corporal ideal. Para avaliar a satisfação corporal, subtrai-se o valor correspondente à aparência corporal real do valor da aparência corporal ideal. Considera-se o resultado igual a zero como satisfeito com a aparência e resultado diferente de zero como insatisfeito. Caso a diferença seja positiva, considera-se uma insatisfação pelo excesso de peso e, quando negativa, uma insatisfação pela magreza.<sup>18</sup>

O que podemos observar com esse modo de medição é que a ideia de “imagem corporal” fica intimamente atrelada à *percepção* imediata de um indivíduo sobre seu corpo. Entretanto, o julgamento que o sujeito faz desta percepção é influenciado e atravessado por uma enorme variedade de vetores que passam tanto pela história familiar, quanto pela cultura e fatores sociais, entre outros. Nos resultados apresentados, é recorrente afirmar a importância de considerar outras influências como fatores sociais, familiares e midiáticos, conflitantes com a redução da avaliação da “imagem corporal” à escolha de duas figuras numa escala.

Atrelado a isso, observa-se o reconhecimento de uma necessidade do desenvolvimento de “atividades profiláticas” voltadas para a percepção do adolescente<sup>6</sup> ou estratégias que visem à maior satisfação das crianças com o seu corpo.<sup>7</sup> Ambas observações apontam para o caráter normativo das pesquisas e ignoram a complexidade dos fenômenos em tela, uma vez que, como veremos adiante, a imagem corporal é um elemento ou processo constitutivo do próprio Eu, cuja insatisfação correlata não pode ser prevenida com atividades profiláticas de cunho individual ou social.

Outro aspecto relevante que se destacou na pesquisa de forma geral é a indiferenciação entre os termos “imagem corporal”, “insatisfação com a imagem corporal” e “insatisfação corporal”. Curioso notar que em um dos artigos analisados,<sup>6</sup> ainda que a expressão “imagem corporal” esteja presente nas palavras-chave, os autores fazem menção ao conceito duas vezes ao longo do texto, enquanto em outro,<sup>11</sup> a expressão aparece uma única vez, apesar de figurar no título de cinco referências bibliográficas utilizadas.

Constatamos, assim, que o termo “imagem corporal” é utilizado como um referencial definido pelo senso comum. Referem-se a imagem corporal como sinônimo de percepção da figura, da silhueta e para classificar em um binômio satisfeito ou insatisfeito, sem levar em consideração o que é, por que e como aquela relação com o corpo próprio se deu. A expressão “insatisfação com a imagem corporal” é por si só um tema recorrente e sua aparição nos mais variados textos é relevante, não só pela atualidade do assunto, mas pelas definições



que consideramos por vezes genéricas, outras reducionistas. Para Neves et al.,<sup>19</sup> ao falarmos de imagem corporal, precisamos estar constantemente atentos ao uso dos termos, por haver diversos com a mesma definição e termos distintos com definições semelhantes, garantindo que conclusões e afirmações sejam bem compreendidas até mesmo por leitores de outras áreas.

Conforme os resultados apresentados, podemos afirmar que há pouco critério na aplicação do conceito, indistintamente com os seguintes termos: imagem do corpo, insatisfação corporal, esquema corporal. Esse fato pode ser entendido a partir da apropriação feita pela ciência do senso comum e vice-versa, sem que haja conceituação ou problematização de ordem epistemológica.

O senso comum não é mau em si, afinal, a partir dele nasceu a ciência que, por sua vez, não é boa em si. Assim, não se trata de demonizar o senso comum, nem tampouco endeusar a ciência. O caso é que, no âmbito da ciência, operar com conceitos é essencial. No caso do conceito de imagem corporal, nota-se que muitas vezes o campo científico vem adotando expressões do senso comum relativas às formas de apreender o corpo, ao invés de lançar mão de reflexões alicerçadas em categorias analíticas próprias da abordagem científica, que “retêm, historicamente, as relações sociais fundamentais, servindo como guias teóricos e balizas para o conhecimento de um objeto”<sup>20</sup> (p. 178).

Ao tomar o termo pelo uso do senso comum em pesquisas acadêmicas, recai-se em um reducionismo que exclui toda a construção conceitual que nos permitiria sustentar associações e “verdades” científicas. Estudos que fazem uso da imagem corporal como sinônimo de percepção da figura ou da silhueta buscam, em última análise, dar conta de um binômio maniqueísta “satisfeito ou insatisfeito”. Segundo Neves et al.,<sup>19</sup> a avaliação quantitativa da imagem corporal necessita dialogar com um arcabouço teórico que dê suporte para os dados numéricos, evitando assim que os números eclipse a discussão conceitual, além de um conhecimento teórico consistente para além das evidências matemáticas. E ainda, neste caso, podemos admitir uma relação complementar entre as pesquisas qualitativas e quantitativas, onde “[a]s evidências psicométricas de uma escala devem apresentar a confirmação observada de pressupostos teóricos”<sup>19</sup> (p. 377).

## **A imagem corporal pelo olhar da Psicanálise**

A expressão “imagem corporal” foi conceituada por Schilder,<sup>21</sup> psicanalista, psiquiatra e filósofo cuja obra “A imagem do corpo” é frequentemente utilizada em vários campos de pesquisa. Para Schilder, “entende-se por imagem do corpo humano a figuração de nossos corpos formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós” (p. 11), acrescentando que toda percepção já entra na consciência carregada de relação com algo que aconteceu antes, ou seja, fatos anteriores alteram sua percepção. Além disso, afirma que a imagem corporal é um fenômeno social, destacando que há profunda ligação entre a imagem corporal do indivíduo e a dos outros.

Nessa perspectiva, os pais ou cuidadores encarnam até certa idade a questão social para uma criança. São eles que medeiam e representam as referências e demandas sociais, como uma bússola do caminho dos investimentos que uma criança fará em seu corpo, nos objetos e em suas relações. Para Schilder,<sup>21</sup>

[...] as crianças descobrem seus corpos através das palavras e das observações dos outros. A atitude dos pais em relação aos machucados e os comentários das outras pessoas provocam na criança grande interesse pelo próprio corpo. As conversas familiares sobre saúde, aparência ou doença também podem aumentar o interesse da criança pelo seu corpo (p. 196).



Outra referência importante no assunto é Thomas Cash,<sup>22</sup> cujo entendimento acerca da imagem corporal partiu da percepção de que as experiências subjetivas que os indivíduos têm de sua aparência tinham, na maior parte das vezes, mais poder psicossocial do que a aparência objetiva ou realidade social de suas aparências. Essa autopercepção foi nomeada pelo autor como “visão interior”, sendo correlacionada posteriormente à “imagem corporal”. Assim, a imagem corporal é referida a uma experiência psicológica multifacetada de incorporação, especial, mas não exclusivamente, da aparência física. Essa concepção o levou a afirmar diversas vezes que a imagem corporal é composta por “imagens” – *body image is body images*.

O autor, no entanto, ressalta que o interesse dos estudos relativos à imagem corporal se desenvolveu muito em relação aos transtornos alimentares, o que reforçou a noção limitante de que a imagem do corpo é relevante apenas para meninas e mulheres, e somente preocupações com peso e forma corporal, indicando a necessidade de transcender esse foco estreito em direção à rica diversidade de experiências humanas com o corpo.

Na perspectiva psicanalítica, a imagem corporal é sustentada por uma noção de corpo que ultrapassa os limites biológicos, assim como as fronteiras do contorno e da percepção da imagem deste. Para a Psicanálise, o corpo não se reduz a músculos, ossos e órgãos organizados em sistemas que funcionam conforme uma máquina. O corpo que a Psicanálise trata é um corpo que fala, do qual se fala, se percebe e se sabe algo sobre ele.<sup>23</sup> Para a teoria freudiana, o Eu e o Corpo não são dados *a priori* e, portanto, a avaliação da imagem corporal por meio de um medidor universal seria por si só uma tarefa impossível, tendo em vista tratar-se de uma imagem que está permanentemente em reformulação.<sup>24</sup> A associação dessa imagem corporal a determinados comportamentos patológicos é da mesma maneira questionável. A apreensão da imagem do corpo e sua identificação como o “Eu” é decorrente de operações psíquicas complexas e fundamentais.

Essas operações são organizadas por Freud<sup>24</sup> sob o nome de narcisismo, tempo do desenvolvimento psíquico em que a imagem do corpo é investida libidinalmente, permitindo que o sujeito possa se reconhecer nela. Freud<sup>24</sup> aponta que há um estágio anterior ao narcisismo – o autoerotismo – em que a libido<sup>a</sup> se encontra em seu estado inicial, o corpo encontra-se fragmentado e não há diferença entre mundo interno e mundo externo. Nesse momento importantíssimo do desenvolvimento psíquico, é primordial que haja outra figura humana para que os alicerces do psiquismo e a apropriação da imagem do corpo como próprio aconteçam. Nesse sentido, o “Eu” deve ser construído, desenvolvido, o que ocorre concomitantemente à “adoção” da ideia do corpo próprio que, afinal de contas, é o que vai sustentar fisicamente a possibilidade de uma separação do Eu e do mundo externo.

Assim, corpo e psiquismo estão enlaçados numa trama que só podemos ver desatrelada em casos de pacientes psicóticos. Quando um sujeito identificado com sua imagem se olha no espelho, ele não somente vê aquele corpo, mas, ao mesmo tempo, ele o sente como seu: “[e]ssa imagem, que é a imagem do meu corpo, sou eu”. Esse é o desdobramento psíquico necessário para o surgimento de um Eu, de um corpo e da imagem corporal.

Podemos encontrar ainda outras formas de entendimento da imagem corporal que guardam alguma relação com essa complexidade trazida pela Psicanálise, tais como Françoise Dolto,<sup>25</sup> que faz importante

---

<sup>a</sup> Na teoria psicanalítica, o conceito de libido equivale à expressão psíquica da pulsão sexual. Pulsão, por sua vez, designa uma carga energética que faz parte do psiquismo, atuando como um impulsionador do mesmo. É o conceito limite entre o psíquico e o somático. A teoria das pulsões é um dos pontos-chave da Psicanálise e seus desdobramentos têm implicações em uma série de conceitos fundamentais, entre eles o corpo e a imagem do corpo. Após várias transformações na teoria das pulsões, Freud classificou-as a partir da dualidade “pulsão de vida” (que engloba as pulsões sexuais – ou libido – e as pulsões de autoconservação) e “pulsão de morte”.

ressalva ao afirmar que a imagem do corpo não deve ser confundida com o esquema corporal. Este último é o mesmo para todos e configura o corpo como humano, enquanto a imagem do corpo é singular. Da mesma maneira, Jerusalinky<sup>26</sup> entende que o esquema corporal diz respeito ao domínio do sujeito sobre suas ações motoras, enquanto a imagem corporal é a forma como cada sujeito se apropria desse corpo com seu desejo formando uma imagem de si, com a qual se oferece ao olhar do Outro.<sup>27</sup>

A imagem do corpo seria, portanto, o suporte do narcisismo. É a partir da adoção da imagem corporal como seu representante no mundo das coisas que se é capaz de dizer que há um Eu, fruto da coesão fornecida por uma imagem do corpo. Entretanto a imagem do corpo apreendida nunca é tal como ela, tal como uma realidade única, e sim como a podemos assimilar. Na perspectiva da Psicanálise, o corpo é, necessariamente, fonte de insatisfação. Ele é recortado, talhado pela pulsão que, por princípio, não se satisfaz.<sup>24</sup> No campo da Alimentação e Nutrição, usa-se “insatisfação com a imagem corporal” para falar de um desagrado estético. Falar de insatisfação com o corpo a partir da “imagem corporal” é tratar de um objeto não especificado acreditando que ele é fechado como o contorno de si refletido no espelho. Nesse sentido, qualquer terapêutica que se baseie exclusivamente em dados quantitativos sobre a imagem corporal visando a sua adequação é no mínimo questionável. Para Neves et al.,<sup>19</sup>

[...] a falta de aprofundamento teórico do conceito de imagem corporal e da compreensão do alcance dos vários caminhos metodológicos já disponíveis levam a afirmações equivocadas como: “é impossível avaliar imagem corporal” ou “há transtornos da imagem corporal que precisam ser consertados”. Sendo a imagem corporal um constructo singular, dinâmico e multifacetado, é essencial saber dos limites dos dados obtidos (p. 376).

Ainda que seja possível avaliar certos aspectos da imagem corporal, é preciso rigor e cuidado no uso que se faz dessa pequena parcela que pode ser captada por meio de escalas e questionários. Qualquer recomendação preventiva ou profilática segue o mesmo destino, pois não há como prever e prevenir os desdobramentos psíquicos que cada indivíduo vive no curso de sua vida. No campo da Alimentação e Nutrição, podemos observar que há intensa busca por uma prática que possibilite alcançar o corpo ideal, magro e saudável associado a comportamentos e hábitos alimentares igualmente ideais e saudáveis. Esse é o perigo que muitas vezes encontra apoio em pesquisas que têm um caráter de construir um saber que ao fim e ao cabo mostra-se normatizante e limitador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ciência e pesquisa funcionam em favor da vida. No campo da Alimentação e Nutrição não é diferente, e busca-se construir parâmetros para a boa prática do nutricionista, cuja formação deve ser humanista, generalista e crítica, além de permitir a compreensão dos determinantes sociais, culturais, comportamentais e psicológicos do processo saúde-doença<sup>28</sup>. Nesse sentido, a presente pesquisa apresenta elementos conceituais que favorecem a ampliação do entendimento desse precioso conceito que é amplamente utilizado pelos profissionais de saúde na abordagem de problemáticas relativas ao corpo que excedem o biológico.

Ao procurar um nutricionista, médico ou profissional de educação física que atue a partir da queixa de “insatisfação com a imagem corporal”, um indivíduo não deve ser destacado de seu meio. Sua queixa não se resume a essa demanda, e por mais que o profissional não possa dar conta do social como um todo, é importante que esteja alertado sobre a vastidão dessa demanda e o que ele pode oferecer enquanto serviço e satisfação. Na lógica consumista contemporânea, a questão não é somente a demanda, mas também a

permanente criação de novas ofertas de produtos que se propõem a dar conta genericamente de toda diversidade de problemas, mas não vale para todos.

Ao pensarmos a construção da imagem corporal, devemos incorporar então a produção de subjetividade relativa ao corpo em suas perspectivas individuais (motivações psíquicas, desejos e pulsões), coletivas (de disciplinarização e docilização dos corpos) e institucionais (com os discursos cientificamente comprovados). A compreensão do conceito, entretanto, não deve se limitar a nenhuma disciplina específica ou campo de saber dominante, de modo a determinar sua aplicação pelas outras instâncias, a partir de uma explicação de causalidade unívoca. Neste sentido, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Psicanálise ou a Nutrição não dão conta de entender e/ou esclarecer a complexidade da imagem corporal a partir de uma explicação que restrinja a discussão a um polo único de produção de sentidos ou a um modelo binário de satisfação ou insatisfação. Isto é muito pouco para abarcar a complexidade do fenômeno e as disciplinas se revelam limitadas para dar conta da complexidade e da multiplicidade de abordagens acerca do corpo.

Segundo Ferreira,<sup>29</sup> “a produção de sentidos sobre a imagem do corpo e a percepção que o sujeito tem do próprio corpo é, ao mesmo tempo, individual e coletiva, opera no social, mas não se limita a ele” (p. 480). Desta forma, as abordagens acerca da imagem corporal identificadas na *Revista de Nutrição* e discutidas acima se mostram insuficientes e limitadas para dar conta da complexidade do fenômeno. A pluralidade de perspectivas que influenciam a construção de sentidos sobre a imagem corporal é inter e transdisciplinar. Reduzi-la a um esquema simplificador de satisfação e insatisfação é não perceber o que existe de mais rico no ser humano, é ignorar a subjetividade, a sensibilidade, e condenar o sujeito a um reducionismo que o aprisiona numa teia de sentidos extremamente pobre e de eficácia discutível.

Nessa perspectiva ampliada, em que o corpo e a imagem corporal figuram como um arranjo psíquico que permite que cada indivíduo se coloque no mundo com seu corpo e a imagem que dele tem, podemos considerar a importância dos estudos que consideram as abordagens dos transtornos alimentares e da obesidade que não partem exclusivamente da avaliação da imagem corporal. Tendo em vista que a imagem corporal não é algo fixo, mas uma referência identitária que sofre mudanças e alterações ao longo da vida,<sup>30</sup> é preciso considerá-la em sua complexidade para fazer avançar o conhecimento científico, amplificando os aspectos qualitativos das abordagens.

A saúde mental e a qualidade de vida dos indivíduos estão diretamente relacionadas à imagem corporal, e seus sentidos e significados devem ser equilibradamente construídos e reconstruídos ao longo do tempo e guiados pelas experiências de cada um. Sem esse avanço teórico, clínico e metodológico, continuaremos produzindo mais evidências sem, contudo, produzir novas realidades.

## REFERÊNCIAS

1. Prado SD, Martins, MLR, Carvalho MCVS. A pesquisa no campo da Alimentação e Nutrição no Brasil: Pluralidade epistêmica e produtividade científica. Rio de Janeiro: Gramma/Eduerj; 2018.
2. Santos BS. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez; 2003.
3. Morin E. Meu caminho: entrevistas com Djénane Karih Tager. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2010.
4. Carvalho MS. Desafios da ciência frente à complexidade dos problemas de saúde. Cad. Saúde Pública 2019;35(8):e00139319.
5. Urgesi C. Multiple Perspectives on Body Image Research. European Psychologist 2015;20(1):1-5.

6. Conti MA, Frutuoso MFP, Gambardella AMD. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. *Revista de Nutrição* 2005;18(4):491-497.
7. Triches RM, Giugliani ERJ. Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil. *Revista de Nutrição* 2007;20(2):119-128.
8. Galindo EMC, Carvalho AMP. Tradução, adaptação e avaliação da consistência interna do Eating Behaviours and Body Image: Test para uso com crianças do sexo feminino. *Revista de Nutrição* 2007;20(1):47-54.
9. Fortes LS, Almeida SS, Ferreira MEC. Processo maturacional, insatisfação corporal e comportamento alimentar inadequado em jovens atletas. *Revista de Nutrição* 2012;25(5):576-586.
10. Bittencourt LJ, Nunes MO, Oliveira JJF, Caron J. Risco para transtornos alimentares em escolares de Salvador, Bahia, e a dimensão raça/cor. *Revista de Nutrição* 2013;26(5):497-508.
11. Fortes LS, Meireles JFF, Neves CM, Almeida SS, Ferreira MEC. (2015a). Disordered eating, body dissatisfaction, perfectionism, and mood state in female adolescents. *Revista de Nutrição* 2015a;28(4):371-383.
12. Fortes LS, Meireles JFF, Neves CM, Almeida SS, Ferreira MEC. (2015b). Autoestima, insatisfação corporal e internalização do ideal de magreza influenciam os comportamentos de risco para transtornos alimentares *Revista de Nutrição* 2015b;28(3):253-264.
13. Rodgers R, Cabrol H, Paxton SJ. An exploration of the tripartite influence model of body dissatisfaction and disordered eating among Australian and French college women. *Body Image* 2011;8(1):208-215.
14. Barbosa APDI, Lyra CO, Bagni UV. Body image distortion and dissatisfaction in incarcerated women. *Revista de Nutrição* 2019;32:e190022.
15. Cash TF. Cognitive-behavioral perspective on body image. In: Cash TF, Pruzinsky T. *Body image: A handbook of science, practice and prevention*. New York: Guilford Press; 2011. p. 39-48.
16. Kakeshita IS, Almeida SS. Relação entre índice de massa corporal e a percepção da autoimagem em universitários. *Revista de Saúde Pública* 2006;40(3):497-504.
17. Stunkard AJ, Sorensen T, Schulsinger F. Use of the Danish adoption register for the study of obesity and thinness. In: Kety SS, Rowland LP, Sidman RL, Matthysse SW. *The genetics of neurological and psychiatric disorders*. New York: Raven Press; 1983. p. 115-120.
18. Pereira EF, Graup S, Lopes AS, Borgatto AF, Daronco LSE. Percepção da imagem corporal de crianças e adolescentes com diferentes níveis socio-econômicos na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil* 2009;9(3):253-262.
19. Neves AN, Morgado FFR, Tavares MCGCF. Avaliação da imagem corporal: notas essenciais para uma boa prática de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 2015;31(3):375-380.
20. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12a ed. São Paulo: Hucitec; 2010. p. 175-181.
21. Schilder PF. *A imagem do corpo*. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1994.
22. Cash TF. Body image: past, present and future. *Body Image: An International Journal of Research* 2004;1(1):1-5.
23. Seixas CM. A obesidade e os impasses da psicanálise contemporânea. In: Prado S, Kraemer FB, Seixas CM, Freitas RF. *Alimentação e consumo de tecnologias*. Curitiba: CRV; 2015.
24. Freud S. Introducción del narcisismo. In: Freud, S. *Obras completas (vol. XIV)*. Buenos Aires: Amorrortu; 2006. p. 65-98

25. Dolto F. A imagem inconsciente do corpo. São Paulo: Perspectiva; 2015.
26. Jerusalinsky. A. Psicanálise e desenvolvimento infantil (3a ed.). Porto Alegre: Artes e Ofícios; 2004.
27. Paim FF, Krueel CS. Interlocução entre Psicanálise e Fisioterapia: conceito de corpo, imagem corporal e esquema corporal. Psicologia: Ciência e Profissão 2012;32(1):158-173.
28. Brasil. Resolução CNE/CES 5, de 7 de novembro de 2001. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em nutrição. Diário Oficial da União; 9 nov. 2001.
29. Ferreira FR. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. Interface 2008;12(26):471-483.
30. Schakarowski FB, Oliveira VZ. O corpo (im)possível através da intervenção cirúrgica: uma revisão sobre imagem corporal, obesidade e cirurgia bariátrica. Aletheia 2014 Dez; (45):177-189.

### **Colaboradores**

Lucena BBV, Seixas CM, Ferreira FR e Prado SD colaboraram na idealização e concepção do estudo, na redação e na aprovação final do manuscrito para submissão.

Conflito de Interesses: Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

---

Recebido: 29 de outubro de 2019

Aceito: 13 de agosto de 2020